2018 – Ano IV – Volume IV – Número XIV ISSN – 2358-7482

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Planejamento de ensino-aprendizagem com foco no aluno: um instrumento ético, técnico, político e humano

Por: Margarida Maria Sandeski[1]
margarida.sandeski@ifpr.edu.br

Resumo
Este artigo tem como objetivo refletirmos sobre o Planejamento curricular e de ensino do professor em seus componentes: ementa, dias letivos, conteúdos, objetivos, metodologia e avaliação. Tem como objetivo identificarmos no planejamento de ensino uma estratégia que potencialize um processo de ensino-aprendizagem de qualidade e servir como roteiro para sua construção. Ao compreendermos que o ato de planejar, requer análise e reflexão sobre uma dada realidade, instiga o professor ao desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem coerente e voltado para o aluno. A construção de plano de ensino de forma cuidadosa, contribui para que o sucesso do processo de ensino aprendizagem, ao mesmo tempo em que ele requer seriedade e compromisso, precisa ser vivo, alegre e desafiador.
Palavras-chave: Planejamento Curricular; Plano de ensino; Processo de ensino-aprendizagem; Aluno; Professor.

Rezumo
Ĉi tiu artikolo celas reflekti pri planado kaj instruado pri instruistoj en siaj komponantoj: menuo, lernejaj tagoj, enhavoj, celoj, metodiko kaj taksado. Ĝi celas identigi en instruado planado de strategio, kiu efikos kvalitan instruadon-lernadon kaj funkcios kiel vojŝipo por sia konstruo. Kiam ni komprenas, ke la agado de planado postulas analizon kaj spegulbildon pri donita realaĵo, ĝi instigas la instruiston por disvolvi koheran kaj student-orientitan instruadon kaj lernadon. Konstrui zorgeme planitan instruadan planon kontribuas al la sukceso de la instrua lernado, dum ĝi postulas seriozecon kaj devontigon, devas esti vigla, ĝoja kaj defia.
Ŝlosilvortoj: *Kurikula planado; Instrua plano; Instruado-lernado-procezo; Studento; Majstro.*

Abstract
This article aims to reflect on curricular planning and teacher education in its components: menu, school days, contents, objectives, methodology and evaluation. It aims to identify in teaching

[1] É Mestra em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade do Oeste do Paraná – UNIOESTE, é Especialista em Ensino Superior pelo Centro de Ensino Superior do Amapá – CEAP e Graduada e Licenciada em Pedagogia pela Universidade Regional Integral do Alto Uruguai e das Missões – URI. É servidora pública federal, docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBBT, lotada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná, campus da cidade de Umuarama. É Coordenadora do Projeto de pesquisa sobre Grupo de pesquisa: Ética e política, Coordenadora do Grupo de pesquisa Filosofia , Ciência e Natureza na Alemanha do século XIX e Coordenadora do Projeto de pesquisa sobre Conhecendo e combatendo a evasão nos cursos técnicos do IFPR – campus de Umuarama. É integrante do Projeto de Extensão sobre Grupo de estudos em Educação – EDIFICARE. É revisora do periódico "Rama: revista em agornegócio e meio ambiente". É revisora de projeto de fomento junto ao IFPR. É coautora dos livros "Formação de professores e práticas educativas" (2016) e "Marx e marxismo" (2015).

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

planning a strategy that will potentiate a quality teaching-learning process and serve as a roadmap for its construction. When we understand that the act of planning requires analysis and reflection on a given reality, it encourages the teacher to develop a coherent and student-oriented teaching and learning process. Building a carefully planned teaching plan contributes to the success of the teaching learning process, while it requires seriousness and commitment, it needs to be lively, joyful and challenging.
Keywords: *Curricular Planning; Teaching plan; Teaching-learning process; Student; Teacher.*

1. Considerações iniciais

> *Planejar é analisar uma dada realidade, refletindo sobre as condições existentes, e prever as formas alternativas de ação para superar as dificuldades ou alcançar os objetivos desejados (HAYDT, 2006, p. 94).*

Se desejarmos transformações em qualquer realidade, elas precisam estar apoiadas em um planejamento. Ao planejarmos, como ato sério e um compromisso ético, técnico e político, podemos vislumbrar onde se quer chegar, e principalmente onde queremos que nosso aluno chegue. Neste momento, o professor bem preparado contribui para identificar as limitações no contexto escolar e no processo de ensino-aprendizagem buscando superá-las com formas inovadoras.

Muitos professores que já trabalham há muito tempo na mesma disciplina, podem dizer que não precisam planejá-la, pois já sabem tudo o que será desenvolvido, que a desenvolvem de acordo com o que lhes mandam fazer, ou ainda que receberam o planejamento feito por outro professor o ano passado. Contrariamente a isso, planejar exige organização, sistematização; exige que o professor compreenda que seu plano de ensino integra e coexiste com o plano do curso, o projeto pedagógico e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB.

Dessa forma, o ato de planejar supera o mero preenchimento de formulários. Ele é importante, pois congrega de forma organizada o que será desenvolvido na disciplina durante o ano ou semestre letivo. Não se pode negar que ele é suficiente para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem, ou, até mesmo, que não possua intencionalidade e valores de uma

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

determinada classe social, contudo, pode ser um elemento de superação de velhas práticas que, de forma crítica, direcione professor e aluno para a aprendizagem.

Assim como a sociedade, as pessoas e o conhecimento estão em permanente mudança, isto deixa evidente a necessidade do planejamento por parte do professor. O professor precisa ter claro as características de cada etapa de ensino (fundamental, médio, superior), pois elas têm objetivos distintos no que tange ao aluno que se pretende formar, contudo o que não muda em cada etapa é o planejamento e a ação refletida.

Desta feita, o professor precisa estar consciente de que o objetivo de todo esse processo de planejamento é alguém, isto é, os alunos. E organizá-lo com antecedência, apresentando-o no primeiro dia de aula, contribui para que eles saibam o porquê de estarem trabalhando aqueles conteúdos, antes de começar a aprender. Eles são sujeitos aprendentes e em processo de formação humana e, por isso, é preciso planejar o que irá acontecer, como processo de reflexão sobre a prática docente, como ação científica, e processo que se vai desenvolvendo, mas, em momentos específicos e pontuais, é considerada uma ação que não é neutra, antes possui intencionalidade, ao revelar a classe de que está a serviço, bem como o cidadão que pretende formar e o tipo de sociedade que se propõe construir.

A partir do diagnóstico local e global, o professor tem o quantitativo de alunos com que vai trabalhar, os aspectos socioculturais, a cultura, a filosofia, o perfil do egresso, os desafios que a sociedade impõe, bem como as condições físicas e os recursos da instituição. As possibilidades de desenvolver inter-relações entre outras disciplinas colocam o aluno numa condição de construtor do próprio processo de conhecimento, e o professor, ao contribuir com experiências auto-orientadas, concretas, de observação, reflexão, na formação de conceitos abstratos, ao oportunizar testagens para redefinição, comprovação física das teorias, permite que o aluno traga suas experiências vividas para a sala de aula[2]. Estas ações substituem a reprodução, a

[2] Com o volume de informações e conteúdos que o professor precisa desenvolver até o final de ano, ele nem sempre dispõe de tempo para permitir que o aluno partilhe seus conhecimentos ou demonstre a forma como pensa. Com efeito, há somente uma forma de se fazer um avião de papel? De desenhar uma árvore? Normalmente, pensa-se em formas estereotipadas, aquelas que aprendemos por assimilação, para as quais o professor nos direcionou, não havendo observação, reflexão, tentativas de se chegar a resultados parecidos, mas por caminhos diferentes.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

submissão e passividade dos alunos e professor perante conteúdos repassados através do tempo, que "surgem[3]" a cada nova aula.

Como, então, motivar o aluno a estar pronto para aprender? Quando o professor inter-relaciona os conteúdos, percepções, habilidades, valores e atitudes, buscando resolver situações da vida real[4], essa aprendizagem torna-se significativa e muito mais prazerosa. Freire (2002, p. 12) salienta que: "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção", além de compreender que, ao criar as possibilidades para a aprendizagem, está também aprendendo e se transformando num movimento permanente.

De posse do diagnóstico inicial, o docente pode relacionar suas experiências pessoais e profissionais ao que a instituição e parcerias externas oferecem, a projetos de extensão, de pesquisa e de ensino, a projetos interdisciplinares[5], para então construir o plano de ensino.

1.1 Plano de ensino: momentos transformadores

Como um instrumento de reflexão e orientação para a construção do plano de ensino, seguem os passos para o preenchimento desse documento. Um plano de ensino pode se apresentar dividido em duas categorias: 1) dados de identificação: nome da instituição, eixo, curso, unidade didática, carga horária, período letivo, docente responsável, coordenador do curso; 2) dados da unidade didática que o compõem : ementa, objetivos (gerais e específicos),

[3] Este surgir refere-se a professores que não deixam o aluno a par dos conteúdos que serão desenvolvidos em sala de aula, não apresentam os encadeamentos entre eles e porque estão naquela matriz curricular.

[4] Disso podemos inferir que, se sabemos ler e escrever, é porque determinados conteúdos foram importantes para responder a questões de nossa vida diária, de nossos anseios futuros, ou a questões como satisfação, autoestima e melhoria da qualidade de vida...

[5] As práticas ou projetos interdisciplinares visam promover a criatividade na diversidade, por meio da conversão das peculiaridades de cada disciplina, integrando conceitos e objetivações, de forma a resgatar a compreensão de que vivemos em uma grande teia de interdependência. Assim, a interdisciplinaridade, segundo Etges (1993, p. 18), constitui um princípio mediador entre as disciplinas "não poderá jamais ser elemento de redução a um denominador comum, mas elemento teórico-metodológico da diferença e da criatividade. A interdisciplinaridade é o princípio da máxima exploração das potencialidades de cada ciência, da compreensão dos seus limites, mas acima de tudo é o princípio da diversidade e da criatividade". Japiassu (1976, p. 75) complementa que na interdisciplinaridade é possível incorporar tanto os resultados das especialidades das disciplinas, assim como, "tomar de empréstimo a outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicos, fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber, a fim de fazê-los integrar e convergir, depois de terem sido comparados e julgados" de forma a lançarem-se objetivos determinados.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

conteúdos programáticos, metodologia de trabalho do professor, critérios de avaliação, regime de recuperação e bibliografia básica. A forma como está sendo apresentada e sugerida a construção desse plano, partiu da reflexão sobre o agente motivador de todo o trabalho docente: o aluno. E a partir deste se propõe que o professor siga essa ordem de preenchimento, como uma forma organizada de pensar na construção desses componentes.

1.2 Ementa

Ementa provém do latim *ementum,* que se refere ao pensamento, à ideia. Ela apresenta sucintamente as ideias gerais e resumidas do conteúdo conceitual e procedimental que será abordado ao longo da disciplina, dentro da carga horária definida. Ela é composta por um parágrafo, devendo ser escrita de forma sucinta, objetiva, e ter relação com o projeto político-pedagógico do curso. O professor somente poderá alterar a ementa, caso seja aprovada pelos órgãos responsáveis pela instituição.

1.3 Dias letivos

De posse da ementa, e antes de organizar os conteúdos, é necessário que se verifique os dias letivos que uma disciplina tem naquele ano/semestre. Assim, ao consultar o calendário acadêmico, é possível identificar os eventos institucionais (ensino, pesquisa, extensão), as semanas e a mostra de cursos, as reuniões com pais, alunos, comunidade e os feriados para que, ao final do semestre, não faltem horas aulas ou mesmo o conteúdo não seja finalizado. Desta forma, poderá se antecipar as aulas, utilizar os sábados letivos para realizar, conforme normas institucionais, trabalhos, pesquisas de campo, etc.

O ideal é que se crie uma tabela com os dias letivos de segunda a sexta-feira ou sábado (quando houver na instituição sábados letivos, ou permissão para a utilização deles), uma vez que ao se saber com antecedência do que se dispõe, pode-se planejar melhor. Por exemplo:

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Bimestre	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
1º Bim	20	20	21	20	19
2º Bim	17	21	21	21	21

Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

1.4 Conteúdos

Com esta identificação inicial, é possível ter clareza de quais e de quantas unidades curriculares pode-se colocar em cada bimestre, isto é, faz-se uma divisão de conteúdos por grandes unidades de conhecimentos, inserindo a maior quantidade possível de subtemas que serão abordados na unidade. Desta forma, Garcia (1975, p. 161) salienta que: "conteúdo é tudo aquilo que é passível de integrar um programa educativo com vistas à formação das novas gerações. Um conteúdo pode referir-se a conhecimentos, atitudes, hábitos...", constituindo a estrutura pela qual professor e aluno constroem e reconstroem o conhecimento. Segundo Turra, Enricone e Sant'anna (1975, p. 115), "os conteúdos são vistos como um meio para a concretização da aprendizagem [...] dizem respeito à organização do conhecimento em si, sobre a base de suas próprias regras internas de unidade".

Na seleção dos conteúdos, ao planejá-los e à organização das disciplinas dentro da matriz curricular, cabe ao professor perguntar: Esses conteúdos possibilitarão aos alunos que tipo de experiências? Por que esses conteúdos são importantes? Eles contribuem para atender ao perfil do egresso? Quais as suas contribuições para o conhecimento da realidade? Esses conteúdos capacitarão o aluno a responder às necessidades da realidade para a qual o curso se propõe a formá-lo? Que contribuições posso oferecer aos meus colegas de outras disciplinas com esses conteúdos? Em qual unidade os temas abordados me permitem desenvolver um trabalho interdisciplinar? Que contribuições posso receber desses colegas?

Quando se organiza um conteúdo, apresentando os subtemas de forma minuciosa e organizada, é possível, por meio dos objetivos, deixar claro a operacionalização da ação educativa. Assim, Haydt (2006) aponta aspectos necessários a ter em conta ao se estruturar os conteúdos, são eles:

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

a) validade: mediante a relação clara e nítida entre os objetivos e os conteúdos, principalmente no que tange aos conhecimentos do ponto de vista científico;

b) utilidade e cientificidade: significa que o conteúdo além de ter valor prático na vida cotidiana, deve estar adequado às exigências científicas;

c) significação: envolve construir pontes (relacionar) entre os conhecimentos que o aluno já possui e os novos que vão sendo assimilados;

d) adequação ao nível de desenvolvimento do aluno: de forma a respeitar o grau de maturidade intelectual e cognitivo[6];

e) flexibilidade: pela inclusão ou supressão de subtemas nos conteúdos de forma a adaptar às reais necessidades dos alunos**.**

Na construção detalhada dos conteúdos é importante observar:

- não estão sendo repetidos em diferentes fases do curso ou no mesmo semestre, mesmo que com outro enfoque[7], criando assim uma sequência lógica e sistemática das ideias fundamentais[8];
- os conteúdos possuem uma sequência lógica em relação aos anteriores, podendo aprofundá-los ou ampliá-los progressivamente;
- estão inseridos dentro de um referencial significativo, que inclua a vivência prática dos alunos;
- há integração entre o conteúdo e o objetivo do semestre, do curso, do perfil do egresso, entre as disciplinas desse semestre e os objetivos de formação da instituição da qual o aluno faz parte;
- possui cientificidade;
- possui relevância social;
-

[6] Não se defende, com isso, a minimização do conteúdo, em virtude do grau de maturidade e níveis cognitivos, ao contrário, que se pense nesta organização partindo de uma ordem crescente de complexidade.

[7] Por isso da necessidade dos professores do curso se comunicarem, podendo integrarem-se, relembrarem que na disciplina "X" este conteúdo foi tratado por tal razão, ou mesmo que na disciplina do semestre/ano "X" será tratada por tal razão.

[8] E além desta sequência lógica, que se possa buscar textos para leituras de aprofundamento.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- apresenta caráter psicológico, pelas relações ou reações que o conteúdo pode provocar no aluno.

Desse modo, no Quadro 4.1 está dividido em 4 bimestres, em razão de ser uma disciplina de ensino médio, tem como referência um modelo do conteúdo de história, que, de alguma forma, todos tivemos no ensino médio e apresentam-se dois modelos. O modelo 1, aquele a ser evitado, observa-se que os títulos das unidades correspondem a cada início de bimestre, mas nos subtemas estão ausentes a especificação do conteúdo a ser trabalhado, e com isso, pouco contribui ao professor a construção dos objetivos específicos e o acompanhamento dos alunos. Ao contrário, no modelo 2, que considera-se ideal pode-se observar que foi levado em consideração a inserção de todos os subtemas que serão trabalhados, facilitando ao aluno acompanhar o conteúdo, ao professor a melhor distribuição dos conteúdos em relação aos dias letivos do bimestre e a construção dos objetivos. Ressalta-se ainda neste modelo 2, a não obrigatoriedade do conteúdo ser concluído ao término do bimestre (como no exemplo o subtema 3.4), mas que sua organização leve em consideração a carga horária, os dias letivos.

Quadro 4.1- Modelos de organização conteúdos programáticos

MODELO 1		MODELO 2	
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	
1º BIM.	**1. Constituição dos tempos modernos:** 1.1Renascimento 1.2 Absolutismo 1.3Navegações	1º BIM.	**1. Constituição dos tempos modernos**: 1.1 Renascimento comercial e urbano 1.2 Formação do Estado Moderno europeu 1.3Absolutismo Monárquico 1.4 Estados Absolutistas 1.5 África nos séculos XIV a XVI 1.6- Expansão Marítimo-comercial 1.7 Navegações portuguesas e espanholas 1.8Navegações francesas, inglesas e holandesas 1.9América pré-colombiana (povos pré-colombianos) 1.10Cultura e organização dos povos indígenas em território brasileiro
2º BIM.	**2. O Novo homem e sua relação com a divindade:** 2.1 Renascimento	2º BIM.	**2. Focalizando o novo negócio:** 2.1 Renascimento e humanismo 2.2 Reforma e Contra-Reforma

	2.2 Reforma		**3. O Brasil no contexto da Modernidade:** 3.1 Mercantilismo 3.2 Brasil: Administração colonial 3.3 Brasil: Economia colonial 3.4 Brasil: Domínio espanhol e holandês
3º BIM.	**3. O Brasil no contexto da Modernidade**: 3.1 Mercantilismo 3.2 Brasil	3º BIM.	3.5 Brasil: expansão territorial 3.6 Brasil: mineração 3.7 Brasil: sociedade colonial 3.8 O mito da democracia racial **4. A era das revoluções:** 4.1 Revolução Inglesa 4.2 Iluminismo: principais nomes 4.3 Iluminismo: avanços sociais e científicos
4º BIM.	**4. A era das revoluções:** 3.1 Revoluções 3.2 Iluminismo	4º BIM.	4.4 Revolução Industrial: inovações 4.5 Revolução industrial– trabalho: novas relações e conflitos 4.6 Independência dos Estados Unidos 4.7 Reflexos da Revolução Americana 4.8 Revolução Francesa e Burguesa 4.9 As sociedades pós-Revolução Francesa

Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

1.5 Objetivos

De posse dos conteúdos organizados, conforme o modelo ideal, passa-se para a construção dos objetivos. Sua realização orientará a atuação do professor e do aluno. Os objetivos gerais e específicos devem iniciar com o verbo no infinitivo. Importante salientar que no momento em que se vai desenvolvendo os objetivos gerais e específicos, já se pode estabelecer de que forma serão concretizados, isto é, se por meio de leituras, trabalhos em grupo, pesquisas bibliográficas, de campo, ou de expressões artísticas, jogos..., principalmente quando se estiver determinando o objetivo específico. Essa ação pode ser escrita de forma concomitante com a metodologia e avaliação.

Ao construir os objetivos importa observar se possuem uma ordem crescente de complexidade, expressos por meio dos **domínios**:

a) cognitivo - conhecimento, compreensão, aplicação, análise, síntese, avaliação;

b) afetivo - recebe conscientemente os estímulos, responde a expectativas, valoriza comportamentos, organiza comprometidamente outros valores, caracteriza o comportamento total;

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

c) Psicomotor - imitação, observação, manipulação, execução, precisão, reprodução, articulação, combinação, naturalização.

Quadro 4.2 – Taxonomia dos Objetivos Educacionais Cognitivos

NÍVEL	DEFINIÇÃO	EXEMPLOS
Conhecimento	O aluno recorda ou reconhece informações, ideias e princípios, na forma (aproximada) em que foram aprendidos.	Escrever, listar, rotular, nomear, dizer, definir.
Compreensão	O aluno traduz, compreende ou interpreta informações com base em conhecimento prévio.	Explicar, resumir, parafrasear, descrever, ilustrar.
Aplicação	O aluno seleciona, transfere, e usa dados e princípios para completar um problema ou tarefa com um mínimo de supervisão.	Usar, computar, resolver, demonstrar, aplicar. construir.
Análise	O aluno distingue, classifica e relaciona pressupostos, hipóteses, evidências ou estruturas de uma declaração ou questão.	Analisar, categorizar, comparar, contrastar, separar.
Síntese	O aluno cria, integra e combina ideias num produto, plano ou proposta, novos para ele.	Criar, planejar, elaborar hipótese(s), inventar, desenvolver.
Avaliação	O aluno aprecia, avalia ou critica com base em padrões e critérios específicos.	Julgar, recomendar, criticar, justificar.

Fonte: Bloon et al. (1972)

Para contribuir para a construção dos objetivos gerais e específicos, segue uma lista de verbos, que devem ser selecionados de acordo com o nível que se pretende que os alunos atinjam.

Quadro 4.3- Exemplos de verbos

CONHECIMENTO	COMPREENSÃO	APLICAÇÃO	ANÁLISE	SÍNTESE	AVALIAÇÃO
Definir	Deduzir	Resolver	Identificar	Narrar	Sustentar
Dizer	Codificar	Interpretar	Distinguir	Expor	Justificar
Enunciar	Converter	Dizer	Descrever	Explicar	Criticar
Citar	Descrever	Expor	Diferenciar	Sumarizar	Valorizar
Nomear	Identificar	Redigir	Relacionar	Esquematizar	Escolher

Relatar	Definir	Explicar	Isolar	Compilar	Selecionar
Referir	Demonstrar	Usar	Separar	Construir	Verificar
Detalhar	Distinguir	Manejar	Fracionar	Formular	Constatar
Expor	Ilustrar	Aplicar	Desarmar	Compor	Comprovar
Identificar	Interpretar	Empregar	Decompor	Organizar	Estimar
Indicar	Explicar	Utilizar	Examinar	Projetar	Medir
Assinalar	Expor	Comprovar	Localizar	Simplificar	Revisar
Marcar	Exemplificar	Demonstrar	Abstrair	Inventariar	Eleger
Sublinhar	Parafrasear	Produzir	Discriminar	Classificar	Decidir
Enumerar	Concretizar	Aproveitar	Detalhar	Agrupar	Concluir
Listar	Narrar	Praticar	Detectar	Distribuir	Precisar
Registrar	Argumentar	Relacionar	Omitir	Reconstruir	Provar
Especificar	Decodificar	Dramatizar	Dividir	Modificar	Comprovar
Mostrar	Relacionar	Representar	Secionar	Reacomodar	Avaliar
Exibir	Extrapolar	Discriminar	Especificar	Combinar	Categorizar
Repetir	Opinar	Traçar	Descobrir	Gerar	Fundamentar
Distinguir	Inferir	Localizar		Reorganizar	Opinar
Reconhecer	Predizer	Operar		Estruturar	Demonstrar
Recordar	Generalizar	Ilustrar		Planejar	Contrastar
Definir	Resumir	Converter		Conceber	Julgar
Dizer	Induzir			Programar	
	Organizar			Produzir	
	Compreender				
	Codificar				

Fonte: Bloon et al. (1972)

4.5.1 Objetivos Gerais

O ideal é colocar um objetivo geral para cada grande unidade de conhecimento. Essa ação contribui para determinar de forma pautada o que se deseja para aquela grande unidade (no exemplo ideal, fez-se a divisão em 4 grandes unidades), assim para elaborá-lo deve-se responder à seguinte questão: "**ao final da unidade x, meus alunos serão capazes de...**"[9], a resposta será o objetivo geral.

Apresenta-se, a seguir, o que deve ser levado em consideração ao elaborar os objetivos gerais:

a) Devem expressar o desempenho do aluno:

INCORRETO	CORRETO
Ensinar nos fatos políticos, econômicos e sociais dos séculos XIV a XVI, a formação da modernidade e a estruturação do capitalismo.	**Identificar** nos fatos políticos, econômicos e sociais dos séculos XIV a XVI, a formação da modernidade e a estruturação do capitalismo (Unid. 1).

Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

[9] Professor, neste momento, é importante levar em consideração, o perfil do egresso, de forma que todo o desenvolvimento esteja alinhado (com o quê? com os objetivos? Explicitar).

Quando o objetivo é elaborado com o foco no professor, isso leva ao descompromisso dele com a aprendizagem do aluno, por **isso não se deve usar termos como**: mostrar uma, estimular o aluno, permitir ao aluno, apresentar os, fornecer instrumentos, proporcionar ao aluno, proporcionar uma experiência, estimular a, dar, capacitar o aluno a, orientar como, instruir a, oferecer, propiciar aos alunos, abordar, introduzir ao aluno, facilitar...

b) Devem expressar o resultado da aprendizagem e não processos[10]:

INCORRETO	CORRETO
O aluno destaca no movimento artístico e cultural o nascimento das religiões reformistas, a nova concepção de homem.	Identificar a nova concepção de homem que está presente no nascimento das religiões reformistas, por meio do movimento artístico e cultural (Unid. 2).

Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

c) Devem refletir a combinação entre conteúdos e comportamentos desejados:

INCORRETO	CORRETO
Colonização do Brasil.	**Reconhecer** a colonização do Brasil e o modelo utilizado, como consequência do movimento do capitalismo internacional (Unid. 3).

Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

d) Devem evitar mais de um tipo de resultado de aprendizagem no mesmo objetivo:

INCORRETO	CORRETO
Reconhecer e compreender a colonização do Brasil e o modelo utilizado, como consequência do movimento do capitalismo internacional, relacionando-o com o de outros países.	**Reconhecer** a colonização do Brasil e o modelo utilizado, como consequência do movimento do capitalismo internacional (Unid. 3).

Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

4.5.2 Objetivos Específicos

São também chamados objetivos comportamentais, pois **indicam comportamentos observáveis e avaliáveis que o aluno terá que realizar para atender àquele objetivo geral**. Para a sua elaboração, o ideal é ter como referência a unidade 1 e o objetivo geral correspondente, e, somente após, pode-se escrever tudo o que o aluno terá que desenvolver para atingir esse objetivo geral. Para que fique mais claro, tanto para você, professor, quanto para seu coordenador ou área pedagógica, sugere-se que os objetivos específicos sejam escritos

[10] O processo de que se trata é a ação que o aluno continua realizando, neste caso corresponde a: “o aluno destaca”.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

subdividindo-os por unidades, delimitando, assim, a qual objetivo geral unidades eles correspondem: "objetivos específicos - Unidade 1", e abaixo ou ao final de cada objetivo específico se escreva, entre parênteses, a unidade correspondente (assim como no objetivo geral), seguindo as orientações abaixo:

Conforme for desenvolvendo os objetivos gerais e específicos, sugere-se já ir pensando e, se possível, concomitantemente, escrevendo os procedimentos de ensino, a metodologia e a avaliação. Como no exemplo citado abaixo, a **identificação** pode ser realizada por meio de pesquisa; a **produção de texto** deve prever se vai ser realizada em sala de aula ou em casa, pois deve-se levar em consideração a contagem dos dias letivos; e descrever como será realizada a avaliação, isto é, que conceito/nota o aluno deverá obter para ter aproveitamento; No **relativizar** do exemplo abaixo, pode-se prever se o resultado será descrito em papel craft (rolo), podendo construir com os alunos esse desenvolvimento cronológico-histórico com as expressões culturais e históricas, ou se será realizado de outra forma.

É importante observar se o plano de ensino e o planejamento do semestre/ano estão contemplados nos objetivos gerais e específicos. Assim, a seguir descrevem-se as orientações que Haydt (2006) sugere:

a) Para atender aos objetivos gerais, deve se desdobrar os objetivos específicos o quanto for necessário até sua finalização:

GERAL	ESPECÍFICOS
Identificar, nos fatos políticos, econômicos e sociais dos séculos XIV a XVI, a formação da modernidade e a estruturação do capitalismo (Unid.1);	• Identificar, nas fontes documentais de natureza diversa, o papel das diferentes linguagens, dos diferentes agentes sociais e contextos envolvidos em sua produção (Unid 1). • Produzir textos analíticos e interpretativos sobre os processos históricos, a partir das categorias e procedimentos próprios do discurso historiográfico (Unid 1). • Relativizar as diversas concepções de tempo e as diversas formas de periodização do tempo cronológico, reconhecendo-as como construções culturais e históricas (Unid 1).

Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

b) Devem evidenciar o comportamento do aluno e não o do professor:

FOCO NO PROFESSOR	FOCO NO ALUNO
Mostrar fontes documentais de natureza diversa, mostrando o papel das diferentes linguagens, dos diferentes agentes sociais e contextos envolvidos em sua produção.	Identificar, nas fontes documentais de natureza diversa, o papel das diferentes linguagens, dos diferentes agentes sociais e contextos envolvidos em sua produção.

Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

c) Cada objetivo deve ser formulado de modo que descreva um comportamento por vez:

• Identificar, nas fontes documentais de natureza diversa, o papel das diferentes linguagens, dos diferentes agentes sociais e contextos envolvidos em sua produção (Unid 1). • Produzir textos analíticos e interpretativos sobre os processos históricos, a partir das categorias e procedimentos próprios do discurso historiográfico (Unid 1). • Relativizar as diversas concepções de tempo e as diversas formas de periodização do tempo cronológico, reconhecendo-as como construções culturais e históricas (Unid 1).

Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

d) O foco deve ser no comportamento do aluno e não no do professor:

MEMORIZAÇÃO	HABILIDADES
Responder a questões sobre o papel das diferentes linguagens, dos diferentes agentes sociais e contextos envolvidos em sua produção.	Identificar, nas fontes documentais de natureza diversa, o papel das diferentes linguagens, dos diferentes agentes sociais e contextos envolvidos em sua produção.

Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

1.6 Metodologia e/ ou procedimentos de ensino-aprendizagem:

Toda a metodologia de ensino e/ou procedimentos de ensino-aprendizagem assentam em uma opção política, na qual caberá ao professor um posicionamento perante a realidade social, a escola, os discentes e a relação que existe entre eles. Deste modo, os mecanismos utilizados em sala de aula poderão resultar em uma educação para a submissão, a obediência dos educandos ao padrão dominante opressor, que os levará a conservar e reproduzir os valores vigentes, ou na adoção de procedimentos que, baseados na reflexão, transformação e libertação

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

das amarras ideológicas, permitam o enfrentamento das contradições e dos valores do presente, da crítica, visando, assim, recriar o conhecimento. Neste sentido, docente e discente são coautores do processo de ensino aprendizagem, em que o diálogo, a cooperação, a disciplina, a iniciativa, a criatividade e a liberdade sustentem as ações decididas por professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Seguindo essa perspectiva, Haydt (2006) organiza os procedimentos de ensino- -aprendizagem em três grandes momentos:

a) procedimentos de ensino-aprendizagem **individualizantes** (aula expositiva, estudo dirigido);

b) procedimentos de ensino-aprendizagem **socializantes** (aula expositiva dialogada, uso de jogos, dramatização, trabalho em grupo, estudo de caso, Estudo do Meio), e;

c) procedimentos de ensino-aprendizagem **socioindividualizantes** (método da descoberta, método da solução de problemas, método de projetos). Caberá ao professor identificar qual deles potencializará a aprendizagem.

Anastasiou e Alves (2005, p. 79-97) realizam para cada estratégia de "ensinagem", a descrição do que é ela (sua descrição), como ela deve ser organizada e executada (dinâmica da atividade), que domínios serão atingidos e o que se pretende (operações de pensamento predominantes) e como poderá ser avaliada. No texto original as professores realizam, para cada estratégia, comentários que visam dar clareza sobre ela.

O professor precisa deixar claro aos alunos o que estão fazendo como foi planejado, como será desenvolvido, como o pensamento deverá ser organizado, como será o resultado final e sua avaliação do processo de ensino-aprendizagem. Inclusive se possível for, dê por escrito, todos os momentos da estratégia para que o aluno vá se acostumando com processos de pensamento organizado. Ele atuará ativamente, além de contribuir para seu desenvolvimento intrapessoal (autoconhecimento emocional, automotivação) e interpessoal (reconhecimento de

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

emoções de outras pessoas e habilidades em relacionamentos interpessoais), o desenvolvimento de sua autonomia.

Estratégia: AULA EXPOSITIVA DIALOGADA

Descrição	É uma exposição do conteúdo com a participação ativa dos estudantes, cujo conhecimento prévio deve ser tomado como ponto de partida. O professor leva os estudantes a questionarem, interpretarem e discutirem o objeto de estudo, a partir do reconhecimento e do confronto com a realidade.
Operações de pensamento	Obtenção e organização de dados, interpretação, crítica, decisão, comparação, resumo.
Dinâmica da Atividade	1. Professor contextualize o tema de modo a mobilizar as estruturas mentais do estudante para operar com informações que este traz, articulando-as às que serão apresentadas; faz a apresentação dos objetivos de estudo da unidade e sua relação com a disciplina ou curso. 2. Faz exposição, que deve ser bem preparada, podendo solicitar exemplos aos estudantes, e busca o estabelecimento de conexões entre a experiência vivencial dos participantes, o objeto estudado e o todo da disciplina; 3. É importante ouvir o estudante, buscando identificar sua realidade e seus conhecimentos prévios, que podem mediar a compreensão crítica do assunto e problematizar essa participação; 4. O forte dessa estratégia é o diálogo, com espaço para questionamentos, críticas e solução de dúvidas; é imprescindível que o grupo discuta e reflita sobre o que está sendo tratado, a fim de que uma síntese integradora seja elaborada por todos.
Como avaliar	• Participação dos estudantes contribuindo na exposição, perguntando, respondendo, questionando; • Pela participação do estudante acompanham-se a compreensão e a análise dos conceitos apresentados e construídos; • Podem-se usar diferentes formas de obtenção da síntese pretendida na aula: de forma escrita, oral, pela entrega de perguntas, esquemas, portfólio, sínteses variadas, complementação de dados no mapa conceitual e outras atividades complementares a serem efetivadas em continuidade pelos estudantes

Fonte: Anastasiou e Alves (2005, p. 79)

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Estratégia: ESTUDO DE TEXTO

Descrição	É a exploração das ideias de um autor a partir do estudo crítico de um texto, e/ou a busca de informações e exploração de ideias dos autores estudados.
Operações de pensamento	Identificação, obtenção e organização de dados, interpretação, crítica, análise, reelaboração, resumo.
Dinâmica da Atividade	1. Contexto do texto – data, tipo de texto, autor e dados sobre este; 2. Análise textual – preparação do texto: visão de conjunto, busca de esclarecimentos, verificação de vocabulário, iatos, autores citados, esquematização; 3. Análise temática – compreensão da mensagem do autor: tema, problema, tese, Lina de raciocínio, ideia central e as ideias secundárias; 4. Análise interpretativa / extrapolação ao texto – levantamentos e discussão de problemas relacionados coma mensagem do autor; 5. Problematização – interpretação da mensagem do autor: corrente filosófica e influências, pressupostos, associação de ideias, crítica 6. Síntese – reelaboração da mensagem, com base na contribuição pessoal.
Como avaliar	• Produção, escrita ou oral, com comentário do estudante, tendo em vista as habilidades de compreensão, análise, síntese, julgamento, inferências e interpretação dos conteúdos fundamentos e as conclusões a que chegou.

Fonte: Anastasiou e Alves (2005, p. 80)

Estratégia: PORTFÓLIO

Descrição	É a exploração e a construção de registro, análise, seleção e reflexão de produções mais significativas ou identificação de maiores desafios/dificuldades em relação ao objeto de estudo, assim como as formas encontradas para sua superação.
Operações de pensamento	Identificação, obtenção e organização de dados, interpretação, crítica, análise, reelaboração, resumo.
Dinâmica da Atividade	O portfólio pode evidenciar o registro do processo de construção de uma atividade, de um bloco de aulas, fase, módulo, unidade, projeto, etc. A preparação deve ser feita pelo professor a partir da mobilização para a tarefa. Alguns passos podem ser seguidos, tais como: 1. Combinar as formas de registro, que podem ser escritas manualmente ou digitadas, em caderno, bloco, pasta... 2. O material precisa estar identificado com dados como nome, série, ano, disciplina, etc. Pode-se incluir uma foto que demonstre o momento que o acadêmico está vivendo;

	3. Aproveitar para incluir orientações de formatação de trabalho científico, tais como: capa, contracapa, sumário, os relatos em si, considerações finais, bibliografia utilizadas no decorrer das aulas /a trabalhos; 4. Escrever apenas num dos lados da página, deixando o outro como espaço para o diálogo do professor; 5. Os relados em si podem ser nomeados, e este título pode expressar o sentimento mais evidente daquele momento; 6. Os registros podem conter trabalhos de pesquisa, textos individuais / coletivos, considerados interessantes, acrescidos de uma profunda reflexão sobre seu significado para a formação; 7. Incluir outras produções significativas: *realia*, fotos, desenhos, etc., com a respectiva análise; 8. Anotar o sentimento de avanços e dificuldades pessoais; 9. Inserir avaliação construtiva do desempenho pessoal e do desempenho do professor; 10. Ao professor compete proceder às leituras dos textos/ produções e apontar os avanços e os aspectos que precisam ser retomados pelo estudante. Lembrar que o professor estabelece um *diálogo* com o estudante e precisa ser produtivo em favor da verdadeira aprendizagem
Como avaliar	Definir conjuntamente critérios de avaliação do ensino e da aprendizagem, do desempenho do estudante e do professor. Os critérios de avaliação à individualidade de cada um: • Organização e cientificidade da ação de professor e de estudante; • Clareza de ideias na produção escrita; • Construção e reconstrução da escrita; • Objetividade na apresentação dos conceitos básicos; • Envolvimento e compromisso com a aprendizagem.

Fonte: Anastasiou e Alves (2005, p. 81)

Estratégia: TEMPESTADE CEREBRAL

Descrição	É a possibilidade de estimular a geração de novas ideias de forma espontânea e natural, deixando funcionar a imaginação. Não há certo ou errado. Tudo o que for levantado será considerado, solicitando-se, e se necessário, será solicitada ao estudante uma explicação posterior.
Operações de pensamento	Imaginação e criatividade, busca de suposições, classificação.
Dinâmica da Atividade	Ao serem perguntados sobre uma problemática, os estudantes devem: 1. Expressar em palavras ou frases curtas as ideias sugeridas pela questão proposta; 2. Evitar atitude crítica que levaria a emitir juízo e/ou excluir ideias; 3. Registrar e organizar a relação de ideias espontâneas; 4. Fazer a seleção delas conforme critério seguinte ou a ser combinado
Como avaliar	Observação das habilidades dos estudantes na apresentação de ideias quanto a: • Capacidade criativa; • Concisão, • Logicidade, • Aplicabilidade e pertinência;

	• Seu desempenho na descoberta de soluções apropriadas ao problema apresentado.

Fonte: Anastasiou e Alves (2005, p. 82)

Estratégia: MAPA CONCEITUAL

Descrição	Consiste na construção de um diagrama que indica a relação de conceitos em uma perspectiva bidimensional, procurando mostrar as relações hierárquicas entre os conceitos pertinentes à estrutura do conteúdo.
Operações de pensamento	Interpretação, classificação, crítica organização de dados, resumo.
Dinâmica da Atividade	O professor poderá selecionar um conjunto de textos, ou de dados, objetos, informações sobre um tema ou objeto de estudo de uma unidade de ensino e aplicar a estratégia do mapa conceitual propondo ao estudando a ação de: 1. Identificar os conceitos-chave do objeto ou texto estudado; 2. Selecionar os conceitos por ordem de importância; 3. Incluir conceitos e ideias mais específicas; 4. Estabelecer relação entre os conceitos por meio de linhas e identificá-las com uma ou mais palavras que explicitem essa relação; 5. Identificar conceitos e palavras que devem ter um significado ou expressam uma proposição; 6. Buscar estabelecer relações horizontais e cruzadas, traçá-las; 7. Perceber que há várias formas de traçar o mapa conceitual; 8. Compartilhar os mapas coletivamente, comparando-os e complementando-os; 9. Justificar a localização de certos conceitos, verbalizando seu entendimento.
Como avaliar	Acompanhamento da construção do mapa conceitual a partir da definição coletiva dos critérios de avaliação: • Conceitos claros; • Relação justificada; • Riqueza de ideias; • Criatividade na organização; • Representatividade do conteúdo trabalhado.

Fonte: Anastasiou e Alves (2005, p. 83)

Estratégia: ESTUDO DIRIGIDO

Descrição	É o ato de estudar sob a orientação do professor, visando sanar dificuldades específicas. É preciso ter claro o que é sessão, para quê e como é preparada.
Operações de pensamento	Identificação, obtenção e organização de dados, busca de suposições, aplicação de fatos e princípios a novas situações.
Dinâmica da Atividade	Prevê atividades individualizadas, grupais, podendo ser socializadas: 1. Leitura individual a partir de um roteiro elaborado pelo professor; 2. Resolução de questões e situações-problema, a partir do material estudado; 3. No caso de grupos de atendimento, debate sobre o tema estudado,

	permitindo a socialização dos conhecimentos, a discussão de soluções, a reflexão e o posicionamento crítico dos estudantes ante a realidade vivida.
Como avaliar	• O acompanhamento se dará pela produção que o estudante for construindo, na execução das atividades propostas, nas questões que formula ao professor, nas revisões que este lhe solicita, a partir do que vai inserindo gradativamente nas atividades do grupo a que pertence, trata-se de um processo avaliativo eminente diagnóstico, sem preocupação classificatória.

Fonte: Anastasiou e Alves (2005, p. 84)

Estratégia: LISTA DE DISCUSSÃO POR MEIOS INFORMATIZADOS

Descrição	É a oportunidade de um grupo de pessoas poder debater, à distância, um tema no qual sejam especialistas ou tenham realizado um estudo prévio, ou queiram aprofundá-lo por meio eletrônico.
Operações de pensamento	Comparação, observação, interpretação, busca de suposições, construção de hipóteses, obtenção e organização de dados.
Dinâmica da Atividade	1. Organizar um grupo de pessoas para discutir um tema, ou vários subgrupos com tópicos da temática para realizar uma reflexão contínua, debate fundamentado, com intervenções do professor, que, como membro do grupo, traz suas contribuições. Não é um momento de pergunta e respostas apenas entre estudantes e professor, mas entre todos os integrantes, como parceiros do processo. 2. É importante o estabelecimento do tempo-limite para o desenvolvimento da temática. 3. Esgotando-se pó tema, o processo poderá ser reativado a partir de novos problemas.
Como avaliar	• Essa é uma estratégia em que ocorre uma avaliação grupal, ao longo do processo, cabendo a todos esse acompanhamento. • No entanto, como professor é o responsável pelo processo de ensinagem, o acompanhamento das participações, da qualidade das inclusões, das elaborações apresentadas torna-se elemento fundamental para as retomadas necessárias na lista e, oportunamente, em classe.

Fonte: Anastasiou e Alves (2005, p. 85)

Estratégia: SOLUÇÃO DE PROBLEMAS

Descrição	É o enfrentamento de uma situação nova, que exija pensamento reflexivo, crítico e criativo, a partir dos dados expressos na descrição do problema; demanda a aplicação de princípios, leis que podem ou não ser expressas em fórmulas matemáticas.
Operações de pensamento	Identificação, obtenção e organização de dados, Planejamento, imaginação, elaboração de hipóteses, interpretação, decisão.
Dinâmica da Atividade	1. Apresentar ao estudante ao estudante um determinado problema, mobilizando-o para a busca de solução. 2. Orientar os estudantes no levantamento de hipóteses e na análise de dados.

	3. Executar as operações e comparar soluções obtidas; 4. A partir da síntese, verificar a existência de leis e princípios que possam se tornar norteadores de situações similares;
Como avaliar	Observação das habilidades dos estudantes na apresentação das ideias quanto a sua: • Concisão; • Logicidade; • Aplicabilidade; • Pertinência; • Desempenho na descoberta de soluções apropriadas ao problema apresentado

Fonte: Anastasiou e Alves (2005, p. 86)

Estratégia: PHILLIPS 66

Descrição	É uma atividade grupal em que são feitas uma análise e uma discussão sobre temas/problemas do contexto dos estudantes. Pode também ser útil para obtenção de informação rápida sobre interesses, problemas, sugestões e perguntas.
Operações de pensamento	Análise, interpretação, crítica, levantamento de hipóteses, busca de suposições, obtenção e organização de dados.
Dinâmica da Atividade	1. Dividir os estudantes em grupos de 6 membros, que durante 6 minutos podem discutir um assunto, tema, problema na busca de uma solução ou síntese final ou provisória. 2. A síntese pode ser explicitada durante mais 6 minutos 3. Como suporte para discussão nos grupos, pode-se tomar por base um texto ou simplesmente o aporte teórico que o estudante já traz consigo; 4. Preparar a melhor forma de apresentar o resultado do trabalho, em que todos os grupos explicitem o resultado pelo seu representante;
Como avaliar	Toda atividade grupal deve ser processada em seu fechamento. Os avanços, desafios e dificuldades enfrentados variam conforme a maturidade e autonomia dos estudantes e devem ser encarados processualmente; A avaliação será feita sempre em relação aos objetivos pretendidos, destacando-se: • O envolvimento dos membros do grupo; • A participação conforme os papéis estabelecidos; • A pertinência das questões e /ou síntese elaborada; • O processo de auto-avaliação dos participantes.

Fonte: Anastasiou e Alves (2005, p. 87)

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Estratégia: GRUPO DE VERBALIZAÇÃO E DE OBSERVAÇÃO (GV-GO)

Descrição	É a análise de temas/problemas sob a coordenação do professor, que divide os estudantes em dois grupos: um de verbalização (GV) e outro de observação (GO). É uma estratégia aplicada com sucesso ao longo do processo de construção do conhecimento e, nesse caso, requer leituras, estudos preliminares, enfim, um contato inicial com o tema.
Operações de pensamento	Análise, interpretação, crítica, levantamento de hipóteses, obtenção e organização de dados, comparação, resumo, observação, interpretação.
Dinâmica da Atividade	1. Dividir os estudantes em dois grupos, um para verbalização de um tema/problema e outro de observação; 2. Organizá-los em dois círculos, um interno e ouro externo, dividindo o número de membros conforme o número de estudantes da turma. Em classe muito numerosa o grupo de observação será numericamente maior que o de verbalização; 3. Num primeiro momento, o grupo interno verbaliza, expõe, discute o tema: enquanto isso, o GO observa, registra conforme a tarefa que lhe tenha sido atribuída. Em classe muito numerosas, as tarefas podem ser diferenciadas para grupos destacados na observação; 4. Fechamento: o GO passa a oferecer sua contribuição, conforme a tarefa que lhe foi atribuída, ficando o GV na escuta; 5. Em classe com menor número de estudantes, o grupo externo pode trocar de lugar e mudar de função – de observador para verbalizador; 6. Dividi-se o tempo conforme a capacidade do tema em manter os estudantes mobilizados; 7. O fechamento, papel fundamental do docente, deve contemplar os objetivos, portando, incluir elementos do processo e dos produtos obtidos.
Como avaliar	O GV será avaliado pelo professor e pelos colegas do GO. Os critérios de avaliação são decorrentes dos objetivos, tais como: • Clareza e coerência na apresentação; • Domínio da problemática na apresentação; • Participação do grupo observador durante a exposição; • Relação crítica da realidade.

Fonte: Anastasiou e Alves (2005, p. 88)

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Estratégia: DRAMATIZAÇÃO

Descrição	É uma representação teatral, a partir de um foco, problema, tema, etc. Pode conter uma explicação de ideias, conceitos, argumentos e ser também um jeito particular de estudo de casos, já que a teatralização de um problema ou situação perante os estudantes equivale a apresentar-lhes um caso de relações humanas
Operações de pensamento	Decisão, interpretação, crítica, busca de suposições, comparação, imaginação.
Dinâmica da Atividade	Pode ser planejada ou espontânea. 1. No primeiro caso, o professor escolhe o assunto e os papeis e os distribui entre os estudantes, orientando sobre como atuar; 2. No segundo caso o planejamento pode ser deixado inteiramente por conta dos estudantes, o que dá mais autenticidade ao exercício; 3. É possível montar um círculo ao redor da cena para que todos observem bem a apresentação; 4. O professor informa o tempo disponível e pede aos alunos que prestem atenção em pontos relevantes conforme o objetivo do trabalho; 5. No final, fazer o fechamento da atividade.
Como avaliar	O grupo será avaliado pelo professor e pelos colegas. Sugestão de critérios de avaliação. • Clareza e coerência na apresentação; • Participação do grupo observador durante a apresentação; • Utilização de recursos que possam tornar a dramatização mais real; • Criatividade e espontaneidade.

Fonte: Anastasiou e Alves (2005, p. 89)

Estratégia: ESTUDO DE CASO

Descrição	É a análise minuciosa e objetiva de uma situação real que necessita ser investigada e é desafiadora para os envolvidos.
Operações de pensamento	Análise, interpretação, crítica, levantamento de hipóteses, busca de suposições, decisão, resumo.
Dinâmica da Atividade	1. O professor expõe o caso a ser estudado (distribui o lê o problema aos participantes), que pode ser um caso para cada grupo ou mesmo caso para diversos grupos. 2. O grupo analisa o caso, expondo seus pontos de vista e os aspectos sob os quais o problema pode ser enfocado. 3. O professor retoma os pontos principais, analisando coletivamente as soluções propostas.

	4. O grupo debate as soluções, discernindo as melhores conclusões. Papel do professor: • Selecionar o material de estudo, • Apresentar um roteiro para trabalho, • Orientar os grupos no decorrer do trabalho, • Elaborar instrumentos de avaliação. Análise de um caso: • Descrição do caso: aspectos e categorias que compõem o todo da situação. Professor deverá indicar categorias mais importantes a serem analisadas; • Prescrição do caso: estudante faz proposições para mudança da situação apresentada; • Argumentação: estudante justifica suas proposições mediante aplicação dos elementos teóricos de que dispõe.
Como avaliar	O registro da avaliação pode ser realizado por meio de ficha com critérios a serem considerados, tais como: • Aplicação dos conhecimentos (a argumentação explícita os conhecimentos produzidos a partir dos conteúdos?); • Coerência na prescrição (os vários aspectos prescritos apresentam uma adequada relação entre si?); • Riqueza na argumentação (profundidade e variedade de pontos de vista); • Síntese

Fonte: Anastasiou e Alves (2005, p. 91)

Estratégia: JURI SIMULADO

Descrição	É a simulação de um júri em que, a partir de um problema, são apresentados argumentos de defesa e de acusação. Pode levar o grupo à análise e avaliação de um fato proposto com objetividade e realismo, a crítica construtiva de uma situação e a dinamização do grupo para estudar profundamente um tema real.
Operações de pensamento	Imaginação, interpretação, crítica, comparação, análise, levantamento de hipóteses, busca de suposições, decisão
Dinâmica da Atividade	1. Partir de um problema concreto e objetivo, estudado e conhecido pelos participantes; 2. Um estudante fará o papel de juiz e outro o papel de escrivão; 3. Os demais componentes da classe serão divididos em quatro grupos: promotoria, de um a quatro estudantes; defesa, com igual número; conselho de sentença, com sete estudantes; e o plenário com os demais; 4. A promotoria e a defesa devem ter alguns dias para a preparação dos trabalhos, sob orientação do professor – cada parte terá 15 min. Para apresentar seus argumentos 5. O juiz manterá a ordem dos trabalhos e formulará os quesitos ao conselho de sentença; 6. O escrivão tem a responsabilidade de fazer o relatório dos trabalhos; 7. O conselho de sentença, após ouvir os argumentos de ambas as partes, apresenta sua decisão final; 8. O plenário será encarregado de observar o desempenho da promotoria e da

	defesa e fazer uma apreciação final sobre sua desenvoltura.
Como avaliar	Considerar a apresentação: • Concisa; • Clara, • Lógica das ideias; • Profundidade dos conhecimentos. • Argumentação fundamentada dos diversos papéis.

Fonte: Anastasiou e Alves (2005, p. 92)

Estratégia: SIMPÓSIO

Descrição	É a reunião de palestras e preleções breves apresentadas por várias pessoas (2 ou 5) sobre um assunto ou sobre diversos aspectos de um assunto. Possibilita o desenvolvimento de habilidades sociais, de investigação, amplia experiências sobre um conteúdo específico, desenvolve habilidades de estabelecer relações.
Operações de pensamento	Obtenção de dados, crítica, comparação, elaboração de hipóteses, organização de dados.
Dinâmica da Atividade	O professor coordena o processo de seleção dos temas e planeja o simpósio juntamente com os estudantes da seguinte forma: 1. Divididos em pequenos grupos estudam e esquematizam apresentação com antecedência, organizando o conteúdo em unidades significativas, de forma a apresentá-lo em no máximo 1h e 30 min., destinando a 15 a 20 min. para apresentação de cada comunicador (apresentador do pequeno grupo). 2. O professor é o responsável pela indicação das bibliografias a serem consultadas para cada grupo ou para cada subtema, a fim de evitar repetições. 3. Cada pequeno grupo indica o seu representante, que exercerá a função de comunicador e comporá a mesa apresentadora do tema; 4. Durante as exposições os comunicadores não devem ser interrompidos; 5. O grande grupo assiste a apresentação do assunto anotando perguntas e dúvidas e encaminhando-as para o coordenador da mesa; 6. O coordenador da mesa resume as ideias apresentadas e encaminha as perguntas aos membros da mesa. Aquele não precisa ser necessariamente o professor, pode ser um estudante indicado pelo grande grupo. 7. Não há necessidade de um fechamento de ideias.
Como avaliar	Levar em conta a concisão das ideias apresentadas pelos comunicadores quanto: • A pertinência das questões apresentadas pelo grande grupo; • A logicidade dos argumentos; • Ao estabelecimento de relações entre os diversos pontos de vista; • Aos conhecimentos relacionados ao tema e explicitados.

Fonte: Anastasiou e Alves (2005, p. 93)

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Estratégia: PAINEL

Descrição	É a discussão informal de um grupo de estudantes, indicados pelo professor (que já estudaram a material em análise, interessada ou afetados pelo problema em questão), em que apresentam pontos de vista antagônicos na presença de outros. Podem ser convidados estudantes de outras fases, cursos ou mesmo especialistas na área.
Operações de pensamento	Obtenção e organização de dados; obtenção; interpretação; busca de suposições; crítica; análise.
Dinâmica da Atividade	1. O professor coordena o processo de painel; 2. Cinco a oito pessoas se colocam, sem formalidade, em semicírculo diante dos ouvintes, ou ao redor de uma mesa, para falar de um determinado assunto; 3. Cada pessoa deverá falar pelo tempo de 2 a 10 minutos; 4. O professor anuncia o tema da discussão e o tempo destinado a cada participante; 5. No final, o professor faz as conexões da discussão para, em seguida, convidar os demais participantes a formularem perguntas aos painelistas;
Como avaliar	Participação dos estudantes, painelistas e da platéia analisando: • A habilidade de atenção e concentração; • A síntese das ideias apresentadas; • Os argumentos consistentes tanto na colocação das ideias como nas respostas aos participantes; • Consistência das perguntas elaboradas

Fonte: Anastasiou e Alves (2005, p. 94)

Estratégia: FÓRUM

Descrição	Consiste num espaço tipo "reunião", no qual todos os membros do grupo tem a oportunidade de participar do debate de um tema ou problema determinado; Pode ser utilizada após a apresentação teatral, palestra, projeção de um filme, para discutir um livro que tenha sido lido pelo grupo, um problema ou fato histórico, um artigo de jornal, uma visita ou uma excursão.
Operações de pensamento	Busca de suposições; hipóteses; obtenção e organização de dados; interpretação; crítica; resumo.
Dinâmica da Atividade	1. O professor explica os objetivos do fórum; 2. Delimita o tempo total (ex.: 40 min.) e o tempo parcial de cada participante; 3. Define funções dos participantes: • Do coordenador, que organiza a participação, dirige o grupo e seleciona as

	contribuições dadas para a síntese final; • Do grupo de síntese, que faz as anotações que irão compor o resumo; • Do público participante – cada membro do grupo se identifica ao falar e dá sua contribuição fazendo considerações e levantando questionamentos; 4. Ao final um membro do grupo de síntese relata resumo elaborado.
Como avaliar	A avaliação, estabelecida previamente, levará em conta: • A participação dos estudantes como debatedores e/ou como público; • A habilidade de atenção e concentração; • A síntese das ideias apresentadas; • A apresentação de argumentos consistentes; • A produção da síntese.

Fonte: Anastasiou e Alves (2005, p. 95)

Estratégia: OFICINA, LABORATÓRIO OU *WORKSHOP*

Descrição	É a reunião de um pequeno número de pessoas com interesses comuns, a fim de estudar e trabalhar para o conhecimento ou aprofundamento de um tema, sob orientação de um especialista. Possibilita o aprender a fazer melhor algo, mediante a aplicação de conceitos e conhecimentos previamente adquiridos;
Operações de pensamento	Obtenção e organização de dados; interpretação; aplicação de fatos e princípios a novas situações; decisão; planejamento de projetos e pesquisas; resumos.
Dinâmica da Atividade	1. O professor organiza o grupo e providencia com antecedência ambiente e material didático necessário à oficina. 2. A organização é imprescindível ao sucesso dos trabalhos; 3. O grupo não deve ultrapassar a quantidade de 15/20 componentes; 4. Pode ser desenvolvida por meio das mais variadas atividades: estudos individuais, consulta bibliográfica, palestras, discussões, resolução de problema, atividades práticas, redação de trabalhos, saídas e campo, etc.
Como avaliar	• Participação dos estudantes nas atividades e a demonstração das habilidades visadas, expressas nos objetivos da oficina; • Podem-se propor auto-avaliação, avaliação descritiva ou pelos produtos no final do processo.

Fonte: Anastasiou e Alves (2005, p. 96)

Estratégia: ESTUDO DO MEIO

Descrição	É um estudo direto do contexto natural e social no qual o estudante se insere, visando a uma determinada problemática de forma interdisciplinar; Cria condições para o contato com a realidade, propicia a aquisição de conhecimentos de forma direta, por meio da experiência vivida.
Operações de pensamento	Observação; obtenção e organização de dados; interpretação; classificação; busca de suposições; análise; levantamento de hipóteses; crítica; aplicação de fatos a novas situações; planejamento de projeto e pesquisas.
Dinâmica da Atividade	1. Planejamento: os estudantes decidem junto com o professor o foco do estudo, os aspectos importantes a serem observados, os instrumentos a serem usados para o registro da observação e fazem uma revisão da literatura referente ao foco de estudo;

	2. Execução do estudo conforme planejado: levantamento de pressupostos, efetivação da visita, da coleta de dados, da organização e sistematização da transcrição e análise do material coletado; 3. Apresentação dos resultados: os estudantes apresentam as conclusões para a discussão do grande grupo, conforme os objetivos propostos para o estudo.
Como avaliar	• O planejamento e o acompanhamento do processo devem ser contínuos. • Normalmente os objetivos estão referência direta com os elementos estabelecidos no roteiro de observação e coleta de dados, organizado no plano. • As etapas de organização, análise e síntese devem ser acompanhadas das correções necessárias; • O relatório final pode contemplar as etapas da construção ou de referir a elementos de extrapolação, dependendo dos objetivos traçados.

Fonte: Anastasiou e Alves (2005, p. 97)

1.7 Avaliação

O processo de ensino-aprendizagem tem na avaliação um instrumento que permite ao professor identificar se o discente conseguiu atingir os objetivos gerais e específicos e, desta forma, planejar outros procedimentos que possibilite aos alunos avançar sua aprendizagem. Ressaltamos que se deve avaliar com diversos instrumentos avaliativos e eles devem ser devolvidos ao aluno para que identifiquem o que deve melhorado, que as questões priorizem a contextualização, a práxis e o que os discentes estão estudando deve ser aplicável na vida e à sua profissão.

Nesta abordagem sobre a avaliação não estará sendo abordada a concepção de avaliação, mas orientações de sua construção. Assim, segue um roteiro para elaboração de provas, levando em consideração que o ideal é possuírem uma uniformidade em sua organização, e que os critérios de avaliação sejam explícitos tanto para os alunos quanto para o professor, quando da sua correção. Sugere-se que o professor tenha uma prova resolvida e os principais itens que devem ser levados em consideração em cada questão.

a) As provas devem ter um cabeçalho, com informações fornecidas pelo docente: data da prova; etapa a que ela está vinculada (1º Bimestre, 2º trimestre...); nome do curso; nome da disciplina; nome do professor; turma; valor da prova; e espaço para inserir a nota que o aluno obteve e a rubrica do professor. O aluno deverá apenas escrever seu nome.

b) Em seguida, sugerimos que apresente as orientações que regulamentarão a aplicação da prova e preferencialmente circulada. Isso evitará atritos e desentendimentos, pois estarão claros os procedimentos que os alunos deverão observar, por exemplo:

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- Desligue seu aparelho celular ou qualquer outro aparelho eletrônico durante a realização da prova.
- Não serão toleradas consultas de qualquer natureza a colegas, caso tenha alguma dúvida levante a mão e aguarde a vinda do professor.
- Mantenha sobre a mesa apenas a prova, lápis, caneta e borracha.
- A prova é um documento, portanto seu preenchimento deverá ser realizado exclusivamente a caneta.
- Leia as questões com atenção e BOA PROVA[11]!

c) Na elaboração das questões, coloque sempre as fontes, teorias ou autores, a partir dos quais você espera que os alunos respondam ou estabeleçam relações. Lembre-se também de sempre colocar, de modo claro e visível, o valor atribuído a cada questão. Se a questão pedir para listar algo, deixe claro que cada item listado equivale a x pontos. Por exemplo: De acordo com os textos de Freire (2002), estudados em sala,...? (1 ponto).

d) Na elaboração dos enunciados das questões, atente para que o texto seja sempre claro, objetivo e conciso como, por exemplo: Assinale com um "X" a alternativa correta. De acordo com os textos de Freire (2002), estudados em sala, as Pesquisas Científicas podem ser classificadas em duas grandes categorias que são: (1 ponto).

e) Nas questões discursivas ou dissertativas, para que você possa avaliar se a resposta dada por um aluno é "certa" ou "errada", "adequada" ou "inadequada", "precisa ou imprecisa", a redação do enunciado da questão precisa, necessariamente, conduzir o aluno a elaborar uma resposta argumentativa em vez de uma opinativa. Assim sendo, em seus enunciados, recomendamos que você **NÃO utilize expressões como**:

- Fale sobre...
- Na sua opinião...
- Comente a respeito...

As questões devem ser redigidas com clareza e exatidão, especificando o que se deseja como resposta, assim como se sugere que, durante o processo de ensino- aprendizagem, o professor vá familiarizando os acadêmicos com o significado (conceito) das terminologias que

[11] Nunca escreva "BOA SORTE" numa prova, porque avaliação não depende de sorte, e sim de estudo.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

serão empregadas. A seguir apresenta-se a descrição de terminologias que poderão ser utilizadas nas provas, conforme Haidt (2006, p. 302-303):

Quadro 4.4 TIPOS DE QUESTÕES DISSERTATIVAS

Terminologias	A resposta compreende
Relacionar ou enumerar	É uma exposição que exige apenas recordação, sendo uma forma simples de resposta livre.
Organizar	Também exige a lembrança de fatos, mas de acordo com determinado critério (cronológico, importância crescente, causa e efeito, etc.), sendo mais complexo que a anterior. Neste caso, os elementos devem ser dispostos de forma a assumir uma estrutura.
Selecionar	Supõe uma escolha fundamentada em normas de julgamento ou apreciação. A resposta exige avaliação, mas de natureza simples, de acordo com um critério preestabelecido.
Descrever	Solicita a exposição das características de um objeto, fato, processo ou fenômeno.
Explicar	Consiste em elucidar a relação entre fatos ou ideias. A ênfase da questão deve recair na relação de causa e efeito.
Comparar	Consiste numa análise simultânea de objetos, fatos, processos ou fenômenos, para determinar semelhanças e diferenças e indicar relações. A resposta exige planificação e organização de ideias. O item pode ser enunciado de várias formas, sem necessariamente usar o termo comparar, solicitando a apresentação de vantagens ou desvantagens, semelhanças ou diferenças.
Analisar	É mais que uma simples descrição, porque supõe uma análise em que o aluno expõe ideias, questiona, apresenta argumentos a favor e contra e estabelece o relacionamento entre fatos ou ideias. A resposta requer estruturação cuidadosa e propicia diferentes abordagens do problema.
Definir	Consiste em enunciar os atributos essenciais e específicos de um objeto, fato, processo ou fenômeno, indicando as categorias a que estaria associado. O aluno não deve repetir as definições contidas nos livros-textos, mas usar as suas próprias.
Exemplificar	Consiste em confirmar uma regra ou demonstrar uma verdade. A questão exige aplicação do conhecimento aprendido. O aluno deve não apenas apresentar definições e enunciar leis e princípios, mas aplicar o conhecimento, dando uma contribuição pessoal.
Sintetizar	Consiste em fazer um resumo, isto é, expor de forma concisa e abreviada uma ideia ou assunto, apresentando seus aspectos essenciais.
Esquematizar	O esquema ou esboço é uma espécie de síntese, mas exige uma organização do assunto em tópicos ou subtópicos, dando ênfase às funções e às relações entre os elementos.
Interpretar	Consiste em analisar o significado de palavras textos e ideias ou compreender as intenções de um autor. A influência de memória é praticamente nula, pois a resposta exige basicamente capacidade de

	compreender e realizar inferências.
Criticar	Consiste em julgar e supõe análise crítica. O aluno deve avaliar ideias, textos, livros, tendo por base padrões ou critérios para proceder a uma análise crítica.

Fonte: Haidt (2006, p. 302-303)

f) Sempre que realizar questões fechadas do tipo "Verdadeiro" ou "Falso", deixe isso claro no enunciado da questão, informando ao aluno que ele precisará assinalar com "V" ou "F" e não apenas com "X", como, por exemplo: Com base no texto "A dissertação de natureza científica", de Botomé (2003), estudado em sala, leia atentamente as afirmações abaixo e assinale (V) se a afirmação for Verdadeira ou (F) se for Falsa. (2 pontos).

g) Se ministrar a mesma disciplina para turmas/turnos diferentes, não repita a mesma avaliação, pois ela deve estar adequada ao perfil do curso e da turma.

h) Para elaborar questões contextualizadas, siga os seguintes critérios:

- Ter claro qual é o objetivo do curso e do componente curricular, no seu conjunto;
- Saber claramente qual a importância do componente curricular para a formação profissional e a construção de indivíduos conscientes e autônomos;
- Conhecer qual é o tema a ser abordado, para que as questões sejam objetivas;
- Formular as questões durante o processo de ensino-aprendizagem, assim elas poderão ser revistas e melhoradas, em vez de serem construídas na última hora.
- A pergunta principal da questão precisa estar inserida em uma "história" ou "cenário" que envolva situações do cotidiano do profissional, da vida real.
- A questão precisa apresentar uma "situação problema" que leve o aluno a associar vários conhecimentos diferentes, para poder responder à questão.
- As questões precisam ser objetivas e de múltipla escolha, tendo cinco alternativas como possibilidade de resposta.
- A redação do enunciado da questão precisa ser elaborada de modo claro, preciso e objetivo.

i) Nunca coloque, ao final da prova, o desejo de "BOA SORTE", pois este instrumento não deve ser considerado como de "sorte ou azar", antes sugere-se que seja colocado um pensamento de um autor de referência da disciplina (que também pode ser no início da prova) ou não se coloque nada;

j) Por último, sugere-se que o professor tenha uma prova resolvida com os principais itens que devem ser considerados em cada questão.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Considerações

Planejamento. Esta ação quando efetivada com compromisso ético, técnico, político e humano contribui para que o aluno, nosso principal foco, atinja os objetivos educacionais. Por isso é preciso planejar o que irá acontecer, como processo de reflexão sobre a prática docente, como ação científica, e processo que se vai desenvolvendo, mas, em momentos específicos e pontuais, é considerada uma ação que não é neutra, antes possui intencionalidade, ao revelar a classe de que está a serviço, bem como o cidadão que pretende formar e o tipo de sociedade que se propõe construir.

Referências

ANASTASIOU, L. G. C; ALVES, L. P. (Org.). **Processos de ensinagem na universidade**. UNIVILLE. 2005.

BLOON, B. *et al*. **Taxonomia dos objetivos educacionais**. Porto Alegre: Globo, 1972.

ETGES, Norberto Jacob. **Produção do conhecimento e interdisciplinaridade: educação e realidade**. Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 73-82, jul./dez. 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GARCIA, Walter Esteves (Org.). **Educação: visão teórica e prática pedagógica**. São Paulo: McGraw-Hill, 1975.

HAYDT, Regina Célia C. **Curso de Didática Geral**. São Paulo: Ática, 2006.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

TURRA, Clódia Maria Godoy; ENRICONE, Délcia; SANT'ANNA, Flávia Maria. **Planejamento de ensino e avaliação**. Porto Alegre: PUC-RS/EMMA, 1975.

em messiânico. Petrópolis: Vozes, 1984.